



Nota de edição:

A 29ª edição do Tomilho é dedicada a Cacela Velha.

Começamos por relembrar o programa cultural de Verão que tem havido em anos anteriores e que ficou suspenso este ano em virtude das medidas de segurança impostas pela pandemia COVID-19.

Noticiamos as entregas dos 1º e 3º prémios do concurso das Quadras dos Maios.

A rubrica *Memórias e Saberes* dá a conhecer o jazigo e história de José Gil Carneira, personalidade ligada a Cacela, e relembramos a lenda que lhe está associada, a *Lenda da cobra de Cacela*.

A rubrica *Arqueologia e História* é dedicada à antiga vila de Cacela, nomeadamente, as transformações no espaço público, habitações e população entre finais do séc. XIX e meados do XX.

Teresa Patrício, residente em Cacela Velha, partilha com o *Tomilho* o seu doce de tomate.

Propomos ainda dois passatempos ligados à lenda da cobra e divulgamos a agenda cultural prevista até final de Outubro.

Boas leituras e
até Novembro!

NESTA EDIÇÃO:

Um verão diferente em Cacela Velha?	1
Aconteceu...	2
Memórias e saberes	3
Lenda da cobra de Cacela	5
Arqueologia e História	6
Receita	10
Passatempos	11
Vai acontecer...	12

Um Verão diferente em Cacela Velha?

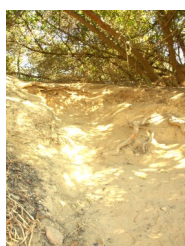
2020 está a ser um ano particular em todos os aspectos da nossa vida e da vida da nossa região. É disso exemplo, o programa cultural que costuma animar os fins de tarde e noites de Verão de Cacela Velha e que foi este ano suspenso devido à pandemia causada pelo vírus Covid 19.



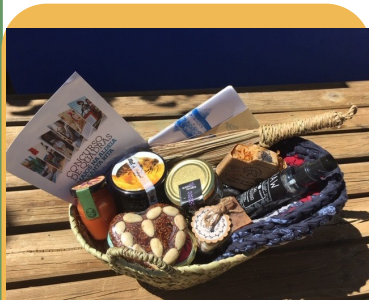
Em 2019, a programação cultural em Cacela Velha contou, com o *Mercadinho de Verão*, mercado de artesãos e produtores alimentares e também com velharias e artigos em 2ª mão; o *Mercado de Trocas*, mercado alternativo onde o dinheiro é substituído pelas trocas directas; e passeios no âmbito dos *Passos Contados*, nos últimos 2 anos, nas escavações arqueológicas do Poço Antigo. Em anos anteriores a programação cultural foi ainda mais diversificada incluindo: as *Noites D'Encanto* com um programa de animação próprio; o ciclo *Clássica em Cacela*, com concertos de música clássica; o ciclo *Cinema sob as estrelas*, em colaboração com o Cineclube de Faro e a *Poesia na Rua*. Este ano a programação cultural foi cancelada em prol da segurança e saúde pública da comunidade e dos seus visitantes.

Se, do ponto de vista cultural, foi um ano diferente, o mesmo não se pode dizer da afluência de visitantes. Milhares de turistas passaram por Cacela Velha, a maior parte com o intuito de fazer praia nas margens da barra de Cacela Velha, uma situação que se vem repetindo nos últimos anos.

Apesar das mais-valias que, no Verão, os visitantes deixam para economia da região, em Cacela Velha esta afluência desproporcional em relação à escala da vila e numa zona muito sensível do ponto de vista ambiental inserida no Parque Natural da Ria Formosa, tem contribuído em muito para a degradação da paisagem: lixo no chão, tanto na vila com na envolvente (estacionamento, várzea, trilhos de acesso e ria) e agravamento da erosão costeira pelo desmesurado pisoteio dos trilhos com ligação à ria, criados pela contínua passagem de veraneantes que fazem de Cacela Velha (sítio patrimonial classificado num parque natural) uma zona balnear sem condições nem vocação para o ser.



Aconteceu... Entrega de prémios “quadras para os Maios”



Foram entregues os 1º e 3º prémios do “**Concurso de quadras para os Maios na aldeia de Santa Rita**”. O 1º prémio foi entregue a Manuel João Calado na sua Horta do Laranjal, em Rio de Moinhos (Borba), um cabaz com produtos alimentares e artesanais da região, no sentido de valorizar o que de bom e autêntico se faz no Algarve, que contou com o apoio dos seguintes artesãos/produtores locais:

Ana Maria Afonso (Vassoura de palma)

Árvore do sabão (Sabonete e bálsamo labial)

Eduardo Valente (Mel)

Oficina Poeta Azul marca presente na Casa Matos, antiga mercearia de Tavira (Caderno artesanal)

Quinta da Fornalha (Manteiga de alfarroba e flor de sal com tomilho)

Rosália Campos (Queijo de figo)

Salmoira (Agridoce e doce)

Terras de Sal, Castro Marim (Sal, flor de sal e sal líquido)

Aqui ficam os nossos agradecimentos a todos eles pelas ofertas, que contribuíram para um magnífico cabaz de produtos artesanais regionais.

O 3º prémio, um conjunto de publicações sobre poesia, história e património de Vila Real de Santo António, foi entregue a José Trindade no CIIPC. Em forma de agradecimento, escreveu um belo conjunto de quadras que aqui publicamos:

I. Fui receber o meu prémio das mãos de D. Catarina Oliveira, espero que no próximo ano proceda da mesma maneira.

II. Agradeço à Comissão, em especial à D. Emília, porque me deram tal animação junto da minha família.

III. Um prémio de recordação do Concelho e Freguesia que guardo no coração com prazer e alegria.

IV. Fomos visitar Santa Rita, uma aldeia de tradição e o Santuário da Santa num cantinho junto ao chão.

V. Tivemos, de parar, pisar a fundo o travão para não atropelar um lindo camaleão.

VI. Num local, pouco tosco, foi belo o seu contacto, mas só trouxemos connosco apenas o seu retrato.

VII. Nos locais por onde passámos, vimos arvoredo novo, ficamos maravilhados com o trabalho do Povo.

VIII. Se assim continuar gera-se grande riqueza nesta terra junto ao mar, um encanto da natureza.

IX. O Tomilho, é impulsionador, no desenvolvimento da Cultura, aguça o nosso conhecimento com uma informação segura.

X. A Freguesia de Cacela tem obra para todo o gosto, não deixem de a visitar mesmo que só em agosto.

José Trindade, 28 de Agosto de 2020

Memórias e saberes

Jazigo e história de José Gil Carneira



O Antigo Cemitério de Cacela Velha, desativado em 1918 na consequência da pneumónica por já não ter capacidade de resposta para enterrar as suas vítimas, tem este único jazigo (na fotografia), onde estão os restos mortais de José Gil Carneira.

Quem terá sido este senhor? Porque será o único a ter um jazigo?

Historicamente, nos jazigos são enterradas famílias ou pessoas ilustres, com elevado estatuto social na comunidade. A própria arquitectura dos jazigos e os seus adornos marcam a posição social da pessoa ou família e os seus recursos económicos.

Mas pode também acontecer que a família decida construir um jazigo ao seu ente querido que partiu, homenageando a sua pessoa e conduta durante a sua vida.

O Jazigo onde está sepultado José Gil Carneira poderá ter sido edificado por ambas as razões pois, não só se tratava de uma

pessoa de posses económicas que foi fazendo fortuna com o seu trabalho no campo, como foi um homem importante na comunidade que se destacou pela sua invulgar valentia e coragem, tendo sido a personagem principal da lenda da cobra gigante a que se fará referência nesta edição.

Quem foi então José Gil Carneira?

A sua história é contada por Fernando Gil Carneira, seu descendente, possivelmente trisneto, nas memórias que escreveu e que foram publicadas pela sua esposa Maria Rita Batista e o seu filho Vitor Gil Carneira, já depois da sua morte.

Nascido no Concelho do Alvito em 1794, desde pequeno trabalhou no campo com a sua família tendo-se dedicado ao pastoreio desde muito jovem, onde aprendeu o jogo do pau que passou a praticar nos seus tempos livres, tornando-se um bom jogador nos torneios organizados na sua terra.

(Continuação na próxima página)

Memórias e saberes

Num dos torneios do jogo do pau, um acidente fatal iria mudar a trajectória de vida deste jovem.

A gravidade do ferimento feito ao adversário, com inevitáveis consequências judiciais, fez com que José saísse da sua terra e partisse para Cacela, para trabalhar numa das fazendas do seu patrão, Marquês de Gouveia, a Quinta de Cima. Assim começou a sua vida nas terras algarvias.

Bom trabalhador rural, depressa se adaptou ao trabalho e à região passando a ser o homem de confiança do feitor da herdade, ajudando-o na orientação da gestão da herdade.

Autor da morte da cobra gigante, ganhou uma enorme notoriedade na região tendo inclusive sido chamado à presença do Rei pelo seu invulgar acto de coragem. Em troca de tal proeza, foi-lhe concedido o perdão pelo incidente que acontecera anos antes na sua terra natal, no torneio do jogo do Pau.

José Gil Cardeira instalou-se definitivamente em Cacela, passando de trabalhador rural a agricultor na sua própria propriedade arrendada.

Casou com uma jovem de famílias abastadas de Cacela e a família foi crescendo, havendo hoje vários descendentes espalhados pela região e pelo país.

A dedicação ao trabalho do campo deu os seus frutos e tornou-se proprietário de várias terras na freguesia de Cacela e da Conceição de Tavira.

Faleceu em 21 de Janeiro de 1860, com 66 anos.

A família homenageou-o construindo o único jazigo existente no Cemitério Antigo de Cacela Velha onde depositou os seus restos mortais.

Por detrás de cada lápide, de cada jazigo, de cada ossário, existem pessoas como José Gil Cardeira,

que nos levam a viajar por outros tempos e a conhecer as histórias de vida de outras épocas.

A história deste homem, como aliás muitas outras, foi sendo passada oralmente de geração para geração

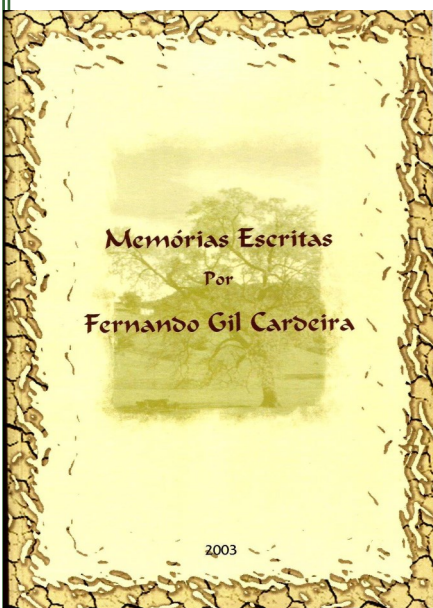
e foi com base na oralidade que Fernando Gil Cardeira escreveu a história do seu antepassado que pode ser lida na publicação Memórias Escritas por Fernando Gil Cardeira, Tavira, 2003*.

Com pequenas nuances, próprias do património oral que se conta de “boca a orelha”, sabemos que pelo menos até ao início dos anos 90, a lenda da cobra de Cacela foi contada às novas gerações.

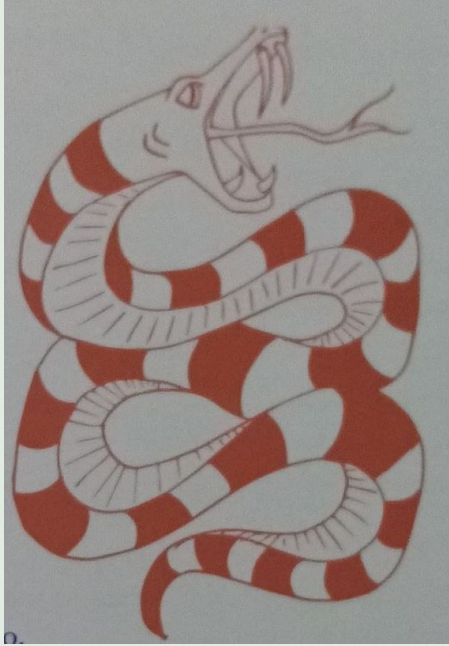
Mas será que os avós continuam a passar o seu legado para os seus netos em 2020?

Para que esta lenda não se perca no tempo, o *Tomilho* publica a versão de João Sol, nascido em 1985, residente em Santa Rita, que lhe foi contada pela avó Rita Sebastiana, nascida no Sítio das Cevadeiras.

* Esta publicação encontra-se esgotada sendo de todo o interesse que volte a ser reeditada.



Lenda da Cobra de Cacela



“ Na Quinta de baixo em Cacela havia uma cobra muito grande que foi morta pelo Senhor Gil Cardeira que era Alentejano.

Há muitos, muitos anos, nas feiras que se realizavam no Alentejo faziam-se habitualmente torneios de jogadores de pau.

O Senhor Gil Cardeira era um praticante deste jogo e um dia, numa feira em Ferreira do Alentejo, enquanto jogava, matou o seu adversário e de seguida foi preso.

Para ser punido, foi trabalhar para o Coito na Quinta de Baixo, local onde eram transferidos os presos.

Naquela quinta dizia-se que havia um cobra muito grande que ninguém conseguia capturar e que já tinha comido os borregos e cabritos das pessoas que moravam naquele local.

- Raposa ou lobo não podia ser porque não tinha força para isso! - comentaram os moradores das redondezas.

Um dia, durante uma pausa no trabalho, o Senhor Gil Cardeira estava tranquilo, a fumar o seu cigarro, encostado a uma árvore, quando viu a cobra.

Por ser Alentejano e estar assustado, pediu ajuda à Nossa Senhora de Aires, padroeira da sua terra.

O homem encheu-se de coragem, pegou num pau e usando a sua experiência como “Jogador de Pau” matou a cobra.

A população ficou muito agradecida ao autor de tamanha proeza porque, com a morte da cobra, os seus animais deixaram de desaparecer.

Como agradecimento do seu ato heróico e de tamanha proeza, a população pegou na cobra, abriu-a, empalhou-a e transportou-a para a Capela da Nossa Senhora de Aires onde ainda hoje se encontra.

A cobra era tão grande que foram necessários dois carros de bois para a transportar.

O senhor Gil Cardeira faleceu há muitos anos e está sepultado no antigo cemitério de Cacela Velha.

No seu túmulo pode ler-se:

“Ela jogou e eu joguei,

Ela perdeu e eu ganhei.”

in De boca a Orelha, 365 Tesouros do Património Oral das 4 Cidades, Edição dos municípios do Fundão, Marinha Grande, Montemor-o-Novo e Vila Real de Santo António, 2018.

Recolhida pela turma da EB Manuel Cabanas, Prof^a Idalécia Santos, Vila Nova de Cacela.

A ANTIGA VILA DE CACELA

Transformações no espaço público, habitações e população entre finais do séc. XIX e meados do XX

Registos fotográficos antigos de Cacela Velha, ao longo do séc. XX, revelam uma pequena vila com notável originalidade, pelo seu património monumental (fortaleza, igreja, cemitérios), atestando as suas funções de centro militar e religioso de um vasto território, e pelas características arquitectónicas das habitações com traços singulares que revelam uma comunidade ligada às actividades na ria e no campo.

Uma vila porém diferente daquela que conseguimos reconstituir, através das fontes históricas e cartográficas, para os séculos anteriores, mas também diferente da que conhecemos hoje, ainda centro religioso da freguesia, mas com cada vez menos habitantes e fortemente marcada pelo turismo sazonal.

Estes interessantes registos fotográficos que o CIIPC foi conseguindo reunir, ajudam-nos a reconstituir o traçado urbano, suas habitações e respectivas funções em meados do século passado, num período imediatamente anterior ao das grandes transformações que têm marcado a região. Fazemos neste artigo, em paralelo, um exercício de contraste destes registos antigos com fotografias da actualidade para pensarmos sobre as mudanças recentes no núcleo histórico de Cacela Velha.

CACELA ATÉ FINAIS DO SÉC. XIX

Em 1565 os visitantes da Ordem de Santiago não identificam na vila mais do que as casas “do prior e da audiência e o castelo com suas casas”, encontrando-se a população dispersa pelo termo concelhio “em suas quintas e montes”, como confirma ainda Frei João de S. José em 1577. Esta situação não sofrerá alterações significativas até 1617, data em que o engenheiro napolitano Alexandre Massay, na visita que faz à vila, a encontra quase despovoada, com os moradores a viverem “em redor da Vila em quintas apartadas della (...) por estar o Castelo desbaratado e mal provido e peor seguro para recolhimento da gente”, não assegurando defesa segura contra os corsários que assolavam a costa.

Esta situação mantém-se até quase finais do século XIX, altura em que, para além das casas da Câmara e casas do Pároco, Cacela contava com cerca de meia dezena de fogos. Na verdade, as funções militar, político-administrativa (foi sede de concelho durante séculos) e religiosa de Cacela não se traduziram na fixação de uma comunidade expressiva. A construção da cisterna (referenciada pela primeira vez por Estácio da Veiga em 1874) no lugar onde antes existiria o velho pelourinho (referenciado por A. Massay) terá sido um dos esforços das autoridades para fixar as populações facilitando o acesso à água.



Planta V.ª de Cassela de A. Massay
O - Igreja de nossa Senhora da Assunção;
P - Adro dela; Q - Casa do prior e outras duas mais; R - Casa da Camara; S - Pelourinho. Fonte: Arq. Nac. Torre Tombo



Largo da Fortaleza e cisterna
Foto de autor desconhecido, sem data



Foto CIIPC, 2020

Largo da Fortaleza e Cisterna

Constituía um espaço único central da vila pontuado pelo pelourinho, entretanto substituído pela cisterna. Só no início da década de 1970, a construção de muro e escadas separou este espaço em plataformas diferentes. Repara-se que na fotografia ainda não se encontra do topo da cisterna a bomba hidráulica manual, só instalada no último quartel do séc. XX.



Casa do Pároco. Foto Cabeça Padrão, 1967



Casa do Pároco e cisterna. Foto Pedro Mestre, 1964-65



Foto CIIPC, 2020

Casas do Pároco

Conjunto de construções térreas identificado em documentos antigos como Casa (ou Casas) do Prior, considerada “a última casa quinhentista do concelho”. Aparece pela primeira vez documentada nas Visitações da Ordem de Santiago de 1518.



Foto Hugo Cavaco, finais anos 70 do séc. XX

Antigas casas da Câmara e Cadeia

A sua função perdeu-se nos finais do séc. XVIII (em 1774) com a extinção do concelho de que Cacela fora sede e transferência do poder para a nova Vila Real de Santo António. Passou a servir para fins habitacionais. A primeira casa teve um portal de desenho manuelino até 1987 quando foi demolida para implantação de restaurante. O pouco que sobreviveu ficou reduzido a pequena parcela.

CACELA A PARTIR DE FINAIS DO SÉC. XIX

Cacela transformou-se consideravelmente, entre o início da última década do séc. XIX e o primeiro quartel do séc. XX. Durante este período forma-se um novo conjunto edificado entre a fortaleza e as casas da Câmara e da Cadeia através da ocupação parcial do espaço central da povoação, quebrando a relação que existia anteriormente.



Fotos Cabeça Padrão, 1967

Conjunto de 4 casas com pátio fronteiro, entre a fortaleza e as antigas casas da Câmara, das quais três apresentam dois pisos aproveitando desnível natural do terreno. Habitadas em meados do séc. XX por proprietários de pequenas embarcações de pesca e mestres e camaradas de embarcações em Vila Real de Santo António.

É nesse período também que se edificam novas habitações, ao longo do arruamento (actual Rua Eugénio de Andrade) que prolonga, no interior do núcleo, a estrada de acesso à vila. À semelhança do que acontece noutros núcleos populacionais, a construção destas casas ao longo de um novo eixo de comunicação, vem associada a um cuidado acrescido na composição da fachada e elementos decorativos. Referimo-nos, por exemplo, às chaminés, platibandas, açoteias, ao uso abundante da cor, dos fingidos ou dos trabalhos em massa.



Foto Cabeça Padrão, 1967
Casas com fachadas decoradas, platibanda e açoteia



Destruição e platibanda e acréscimo de um piso
Foto CIIPC, 2020

O que esteve na origem da transformação no traçado urbano e do acréscimo de população?

Sabemos que existiam em 1928 na povoação 26 fogos e 109 habitantes e que em 1960 o número de fogos era 24 e o número de habitantes 72 (D. Batista e M. R. Costa, 2015-2016), situação bem diferente da que registámos para finais do séc. XIX.

“No final do século XIX e início do século XX, a melhoria das condições de navegabilidade da barra de Cacela por onde se estabelecia, então, o acesso marítimo ao porto de Tavira, o fabrico de tijolos para exportação numa fábrica, junto à Ria, e a valorização dos frutos secos (amêndoa, figo, alfarroba, etc.), a par de um certo crescimento da pesca com embarcações de tamanho médio e contando com facilidades de descarga, irá promover o desenvolvimento do comércio marítimo no porto de Cacela, da pesca e da agricultura. É, neste contexto, que se assistirá à fixação de população na antiga vila, contribuindo para a seu desenvolvimento urbano, passando a integrar importantes atividades marítimas como a pesca e o comércio.” (D. Batista e M. R. Costa, 2015-2016)

O QUE NOS DIZEM AS CASAS SOBRE OS SEUS HABITANTES E ACTIVIDADES DESENVOLVIDAS EM MEADOS DO SÉC. XX?

O aumento populacional, que então se observou, diz respeito a uma população que associa a pesca artesanal e mariscagem à actividade agrícola, perpetuando um modelo de aproveitamento dos recursos próximos e de transformação da paisagem envolvente que se manteve durante séculos.

Para além dos elementos ligados às funções militares e religiosas (guardas fiscais, párocos, coveiro,...) Cacela, à data, é maioritariamente habitada por pescadores, mariscadores e proprietários de pequenas embarcações de pesca, que complementam as actividades no mar com o trabalho sazonal da terra em fazendas e campos agrícolas próximos nas épocas das campanhas do figo, da amêndoa, da uva ou da azeitona. Os conjuntos habitados por pescadores e mariscadores são constituídos fundamentalmente pelos espaços da habitação (geralmente pequenas, com 2 compartimentos), com um espaço de arrecadação de redes e apetrechos de pesca e, nalguns casos, de alfaias agrícolas. (D. Batista e M. R. Costa, 2015-2016)



Casa de pescador
Foto Pedro Mestre,
1964-65



Entrada da Vila. Foto de autor desconhecido, 1972?



CIIPC, 2020

Entrada de casas de mariscadores e pescadores, no início da Rua Eugénio de Andrade.

Entrada da vila. A 1ª casa com platibanda e fachada cor-de-rosa (agora Restaurante Casa Azul) foi habitação de proprietário de pequena embarcação de pesca, a segunda casa de dois pisos, foi habitada, no primeiro, por mariscadores que complementavam os rendimentos com trabalhos agrícolas nos campos.



Várzea com uso agrícola

Foto de autor desconhecido, 1972

Várzea com estacionamento de viaturas

Foto CIIPC 2020

A parcela que contornava a vila a norte e a poente, designada por **Várzea**, pertencia à Quinta da Terra Branca, situada a pouco mais de 1 km a noroeste da vila. Os proprietários cediam a exploração agrícola da Várzea no limite nascente, sem encargos, a famílias de pescadores e mariscadores para complemento dos seus rendimentos.

Uma das casas maiores da vila e com a fachada mais cuidada (fotografia em baixo), revela ligação a uma exploração agrícola. Aos compartimentos da habitação associam-se as dependências para arrecadação e/ou transformação dos produtos da terra (celeiros e lagares), as ligadas à criação de gado (cabanas, currais, palheiros, pocilgas) e os únicos fornos de pão então existentes em Cacela.



Esta casa com fachada amarela (actualmente branca) pertencia a um pequeno lavrador, também corregeador e proprietário de uma mercearia e taberna (integrada no espaço da habitação). A casa seguinte pertencia a um guarda-fiscal.

Vista Sul R. Eugénio de Andrade.

Foto autor desconhecido, 1972

Foto CIIPC, 2020

Nos finais da década de 60 do século passado, Cacela Velha apresenta-se-nos como um conjunto urbano consolidado composto, para além dos edifícios de maior valor patrimonial (fortaleza, igreja, cemitérios), por casas térreas com pequeno pátio/logradouro murado, telhado de uma ou duas águas, de telha de meia-cana tradicional, vãos em argamassa de cal pintada. Uma arquitectura, de cariz rural, que foi sendo alterada ao longo da primeira metade do séc. XX com a substituição dos telhados por açoteias e correspondente integração de platibandas, investimento na decoração das fachadas com recurso a ornamentos de massa e uso da cor.

Nos últimos trinta anos, o núcleo histórico de Cacela (classificado em 1996 como Imóvel de Interesse Público) e a paisagem envolvente têm sido alvo de um processo que tem conduzido ao empobrecimento do seu carácter e imagem. Decréscimo da população residente afastada das tradicionais actividades ligadas à pesca, mariscagem e agricultura; desenvolvimento do turismo; uso maioritário das casas como residência secundária, aluguer para férias e restauração; intervenções intrusivas em algumas habitações; especulação imobiliária, ameaçam a singularidade desta vila e o seu equilíbrio social na relação com o território envolvente.

Para a caracterização do espaço público e arquitectura em Cacela Velha foi fundamental o texto de Desidério Batista e Miguel Reimão Costa, "História, paisagem e arquitectura: a antiga vila de Cacela no contexto do Algarve Oriental" in PROMONTORIA, Ano 12, Número 12, 2015 – 2016.

Memórias e saberes

Receita

Doce de tomate, de Teresa Patrício



“Não há doce mais trabalhoso de fazer que o doce de tomate

Falo claro está do doce de tomate que fazia minha avó e minha mãe, cuja preparação se inicia tirando a pele e a semente.

Para tirar a pele do tomate facilmente, põe-se o mesmo em água muito quente e logo a pele sai de uma só vez. Depois abre-se o tomate em 4 ou 6 partes e extrai-se toda a semente. Uma vez que a polpa esteja limpa, parte-se em pedaços e espreme-se para lhe extrair o excesso de água e pesa-se. Para cada quilo de tomate, junta-se-lhe 750 g de açúcar amarelo e um pau de canela. Fica em lume brando, mexendo bem com uma colher de pau durante duas horas a duas horas e meia

Dá trabalho, mas o resultado é imbatível.”

Teresa Patrício

História do tomate

Tomate é uma palavra derivada do dialecto azteca e provém das Américas do sul e central, provavelmente deste povo que o designava por “*Tomatl*”.

É na sequência dos Descobrimentos que o tomate surge na Europa trazido pelos colonizadores das Américas, já no Séc. XVI. Quando chega a este continente, o tomateiro é usado como planta ornamental por se considerar que o seu fruto é venenoso. Serve assim de decoração, por exemplo, em mesas de banquetes.

Só a partir do Séc. XIX o tomate foi introduzido na dieta alimentar passando a ser comido, não só como fruto, mas também as suas conservas.

Hoje o tomate é consumido universalmente e é um alimento fundamental na Dieta Mediterrânica.

Passatempo...

Descubra as diferenças! São 5...



Ilustração de Beba Fernandes

Tradição oral ligada às cobras e serpentes—Expressões e provérbios

Complete as expressões e provérbios sobre cobras e serpentes com as palavras encontradas na sopa de letras:

1. A mulher é como a cobra, que amarra o sapo com os _____.
2. Acalenta a _____, que ela te dará o pago.
3. Mata-se a cobra e mostra-se o _____.
4. Gata a quem morde a cobra tem medo à _____.
5. Jurar pela _____ de alguém.
6. Ter língua afiada, _____.
7. Dizer cobras e _____.
8. Em Abril, sai a bicha do _____.
9. Chuva de _____, mordedura de víbora.
10. Cobra que não anda não apanha _____.

E	T	C	I	R	D	O	C	F	I
I	L	A	G	A	R	T	O	S	A
J	P	D	U	S	I	B	R	A	C
E	E	R	M	P	F	O	D	U	T
R	Z	T	A	O	E	S	A	T	O
S	J	U	N	H	L	P	R	J	H
A	D	L	I	E	E	I	V	O	N
P	S	E	R	P	P	E	N	L	U
O	M	F	E	B	I	R	A	H	J
T	O	I	P	V	A	T	E	O	A
A	R	A	I	Z	C	A	M	S	D
P	L	I	V	O	C	O	P	S	E

Soluções: 1. Olho; 2. Serpente; 3. Pau; 4. Corda; 5. Pele; 6. Viperina; 7. Lagartos; 8. Covil; 9. Junho; 10. Sapo

O que vai acontecer...

PROFISSÕES ANTIGAS DE CACELA

CIIPC /CMVRS

Antiga Escola Primária de Santa Rita

Horário

De segunda a sexta-feira

9h00 – 13h00 e 14h00 – 17h00



OFICINA DE COSTURA

AVENTAL EM TECIDO (a confirmar)

Vamos recriar uma peça do traje tradicional

Orientação: Maria José Torres e Marilyn Pannett

CIIPC, Santa Rita

Sábado, 24 Outubro, das 10h00 às 17h00

Pausa para almoço

Para público em geral

Vagas limitadas (até ao máximo de 10). Sujeito a inscrição prévia

Valor – 10 € / pessoa (a reverter para as orientadoras)



CONVITE À POPULAÇÃO

Este ano a pandemia causada pela COVID 19 tem-nos impedido de realizar os nossos convívios e todo um trabalho colectivo dos quais já temos muitas saudades.

Como ainda não é possível voltarmos-nos a juntar para novos projectos, desafiamos toda a comunidade a colocar à porta a sua bolsa de retalhos (talego) nos dias **3 de Outubro e 1 de Novembro** com o intuito de celebrar a festividade de Todos os Santos.

Se quiser participar mas não realizou ou já não tem uma bolsa de retalhos, o CIIPC pode emprestar. Temos algumas guardadas que foram realizadas o ano passado para a exposição de rua “Bolsas de retalhos à Porta”.



Voltemos a recordar esta importante festividade com uma bolsa de retalho à porta de cada casa!

ERRATA: No Tomilho nº28, no artigo Memórias da eira da Nora (pg.9), o senhor que se encontra no meio da fotografia é Manuel Brito e não Miguel Brito (o seu pai). Lamentamos a gralha.

ADIVINHA

Quando aparece
(donde e porquê'),
Em tudo mexe,
Ninguém o vê.

Vem ter comigo,
Vê-lo não posso:
É um amigo
Que eu sinto e ouço.

Ar com caprichos...
Os homens crêem
Que é invisível.

Árvores, bichos,
Não sei se o vêem.
Tudo é possível!

Retirado de Uma dúzia de adivinhas,
de Leonel Neves e Tóssan

Solução: O Vento



VILAREALSTºANTONIO

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Vila Real de Santo António

Coordenação: Centro de Investigação e Informação do Património de Caceia

Colaboração: Beba Fernandes, Maria Rita Baptista, Sofia Ferreira, Teresa Patrício, Vitor Gil Cardeira.

Contactos:

Tel: 281 952600

Email: ciipcacela@gmail.com

Facebook: CIIP CACEIA